



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O Cambiteiro¹

Odin Babosa de OLIVEIRA²

Jéssica Caroline Correa da SILVA³

Alexandre dos Santos de OLIVEIRA⁴

Resumo

O presente trabalho é fruto do estudo desenvolvido no âmbito dos pescadores da Comunidade do Maranhão sobre o personagem do pescador cambiteiro. O trabalho busca identificar o pescador cambiteiro como um agente de folkcomunicação a partir da rede de habilidades e conhecimentos que ele domina, bem como os processos de interação com o grupo dos pescadores.

Palavras-chave: Cambiteiro. Imaginário. Folkcomunicação.

Introdução

Este texto trás como tema o pescador da Amazônia e faz uma análise da figura do pescador cambiteiro. Sujeito comum entre os pescadores de rede na Amazônia, mas, que possui função de suma importância qual seja, a de localizar o cardume de peixes e de passar essa informação para o seu grupo de pescadores. No nosso entendimento, trata-se de um agente que estabelece relações comunicacionais no *locus* onde atua, sob uma perspectiva integrada e interrelacional, realçando assim a importância deste ator para consecução da lógica dos rio, mantendo com este uma relação integrada e por conseguinte, complexa.

Neste sentido, este trabalho apresenta os resultados de uma investigação em curso e que tem como objetivo identificar o pescador cambiteiro como um agente folk

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Folkcomunicação da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, email: odinbarbosa20@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º. Semestre do Curso de Administração do ICZES-UFAM, email:

jessica55carol@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA-UFAM, email: olialx@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

no seu ambiente de trabalho, as águas. Folk entendido aqui enquanto instância no campo da comunicação, preocupada com as transformações da cultura popular e dos processos de comunicação que tais manifestações desencadeiam. Assim, o estudo teve como *locus* de pesquisa a Comunidade do Maranhão, zona rural do Município de Parintins-AM, detendo-se nos pescadores redeiros que atuam nos rios da comunidade, fazendo um recorte sobre a figura do pescador cambiteiro.

A pesca é tradição na comunidade, a qual é constituída, em sua maioria, por pessoas que habitualmente praticam esta atividade. Nela, há uma diversidade de tipos de pesca artesanal utilizadas pelos pescadores, tais como, a pesca com arco e flecha, tarrafa, malhadeira, espinhel, zagaia, caniço, rede, dentre outras, tendo como destaque a pescaria com redes. Os rios, para os pescadores, tem uma função extremamente importante na tangente da vida dos mesmos, como expõem Tocantins (1961), eles constituem-se na motricidade que comanda a vida na região.

A metodologia está constituída de dois momentos. No primeiro, o corpus teórico foi construído utilizando-se de uma revisão de literatura sobre o imaginário e sobre a folkcomunicação. O segundo momento, voltou-se para o campo social do pescador tradicional da Amazônia, através de uma pesquisa de campo realizada junto ao grupo de pescadores redeiros. Ainda para tratamento dos dados empíricos, sequenciou-se no pressuposto metodológico da história oral, sendo analisados os áudios dos sujeitos entrevistados e as anotações realizadas no caderno de campo. Foram feitas perguntas semiestruturadas e usada máquina fotográfica para realização de alguns registros etnográficos envolvendo o cotidiano dos pescadores e o paradigma do pescador cambiteiro no seu posto de trabalho, as águas amzônidas.

Do ponto de vista teórico o trabalho esta alicerçado em Bachelard (1998), especialmente na obra “Água e os Sonhos” que trabalha a perspectiva da água em sua ligação com o devaneio e o sentido existencial do homem. De igual modo as ideias de Torres (et. All, 2017), na obra Epifanias da Amazônia, apresenta um panorama da vida na Amazônia, as relações de poder, os mitos, sexualidade, arqueologia e práticas de trabalho. Outra base teórica que dá sustentação a esta reflexão advém de Beltrão (2004) que, no âmbito dos estudos de Folkcomunicação apresenta uma preocupação com a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

temáticas populares e suas respectivas formas de comunicação, como assimilam informações e como repassam informações através de seus manifestos culturais.

A principal conclusão indica que os pescadores, mais precisamente os pescadores cambiteiros, conseguiram encontrar meios de compreender os desígnios da natureza, por meio da observação e percepção, e se beneficiar na atividade da pesca. Os mesmo foram identificados como agentes de folkcomunicação com sua forma de compreensão dos sinais das águas, identificando os peixes seus movimentos, suas espécies, assim como a sua interação com o grupo de pescadores.

1. Os redeiros

Nos átrios da floresta os sujeitos tradicionais da Amazônia vivem em harmonia com a natureza relacionando-se no trabalho diário de retirar, da mesma, o sustento necessário para a sua sobrevivência. Tecem junto a ela um significado para a sua vida com base nos elementais abundantes na floresta. Como afirma Torres (2012) esses elementais são realidades concretas que alimentam a vida material e espiritual desses povos, que têm, no mundo sensível, o ponto de partida da sua espiritualidade.

O devaneio do homem original perpassa o físico, o tangível e aprofunda-se no imaginário, mergulha nesse mundo sensível que faz com que o homem não se perca, mas se encontre como sujeito natural interligado com a floresta. Nessa tangente, encontra-se o pescador da Amazônia, que a bordo de suas embarcações, risca os rios diariamente com o seu casco, remando a esperança de encontrar alimento para sua sobrevivência e dos seus familiares.

Na Comunidade do Maranhão, localizada próximo à foz do rio Uaicurapá, zona rural do Município de Parintins, os pescadores que possuem destaque são os redeiros, sujeitos que trabalham nos rios com redes de pesca artesanais feitas com linhas de nylon apropriadas para realizar grandes círculos, denominados pelos pescadores de lances, em volta dos cardumes de peixes, que, periodicamente entram e saem no rio.

Em observação empírica constatamos que os redeiros ficam próximo à foz do rio, em lugares estratégicos conhecidos como lugar de lança, esses espaços são



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

estudados e limpos no período das vazantes para que não corra o risco de engate da rede de pesca, também, são lugares em que os peixes costumam fazer parada, neles, os pescadores ficam aguardando os cardumes de peixes passarem para realizar o lance e capturar grandes quantidades de peixes que servirão tanto para o seu consumo, quanto, para a comercialização no mercado da cidade. Das vendas realizadas o valor apurado será devidamente dividido entre os pescadores e destinado, comumente, à compra de suprimentos industrializados para complementar a alimentação de suas famílias como carnes, enlatados, temperos e frangos congelados.

Os pescadores conseguem encontrar o seu significado laboral no contato com as águas, João Souza (Entrevista I, 2018), um dos pescadores entrevistados, afirma: “não há outro sentido pra vida, quando se pega o gosto, se entra em sintonia com a natureza, nos sentimos parte dela”. Esta afirmação nos leva a Loureiro (1995) pois para ele, o homem amazônico compreende sua realidade de forma empírica e devaneia diante de sua beleza, podendo sentir, e recriar seu mundo diante de sua presença. O homem tradicional da Amazônia, passou a relacionar-se com a natureza para, em seguida, habituar-se a ela, deste modo passou a ser um fator natural e não mais um intruso, recriando seu pensamento, criando o novo a partir do que já existe, encontrando-se dentro de uma complexidade experimental provada todos os dias pelas diferentes relações que estabelece com o meio circundante.

O pensamento de integrante da natureza faz com que o pescador crie um respeito com o ecossistema, crie um vínculo, se sinta interligado, constituindo aquilo que Capra apregoa de a teia da vida. Na teia da vida, Capra (1996, pg. 14) se utiliza do termo “ecologia profunda” para descrever “o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes”.

Nesse sentido, enquanto indivíduos e sociedades, estamos envoltos nos processos cíclicos da natureza e, de certa forma, somos dependentes desses processos. Capra (1996) assinala que o conceito de ecologia profunda vem contrapor-se ao de ecologia rasa, esta última antropocêntrica e centrada no humano, ao passo que a ecologia profunda requisita o sentimento de conexão e pertencimento entre o homem e



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

o cosmo tal como é possível observar na relação entre os pescadores e o ecossistema amazônico.

Assim, a figura do “redeiro” é emblemática pois, a partir de sua relação sensível como o ecossistema circundante, desenvolve vínculos com este ambiente. Aos olhos menos avisados, parece apenas uma ligação comensal de aproveitamento dos recursos naturais para sua sobrevivência. No entanto, observa-se mais que isto, trata-se de um convívio integrado onde habilidades e modos de fazer foram sendo tecidos conjuntamente a partir de processos de observação e experimentação entre os humanos, o rio (a natureza) e os demais humanos. Tais processos nos conduzem à observação dos “cambiteiros” enquanto personagem distinto dos “redeiros” mas tecidos com estes de forma interligada e interdependente.

2. O Cambiteiro

Para que os “redeiros” possam maior eficiência na pescaria faz-se necessária a presença do “cambiteiro”. Pescador experiente, conhecedor do rio, das águas e dos peixes, ele se apropria de uma pequena embarcação feita do tronco de uma árvore chamada de casco e desloca-se para um pouco mais distante do grupo, onde, solitariamente, observa a movimentação dos cardumes de peixes, identifica a sua espécie e anuncia a sua aproximação do local de lanço para que os demais pescadores possam preparar as redes e golpear o cardume com o lance.

A percepção do pescador, em especial o cambiteiro, transcende o real, mergulha no imaginário das águas. No decorrer de suas experiências, o cambiteiro vai tecendo um imaginário das águas, após cada dia, um novo conhecimento, uma nova metodologia é criada a partir de sua percepção. Nesta perspectiva, Laplatine & Trindade (1997, p.10) afirmam que “produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. [...] Imagens são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar”.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O imaginário do “cambiteiro” é um devaneio necessário pela necessidade de pegar peixes. Uma ciência desenvolvida pelo conhecimento empírico com suas verificações comprovadas no cotidiano, tendo um progresso significativo pelo fato de tanto o redeiro como o cambiteiro, como cientista empírico, estarem completamente envolvidos com o seu ambiente de trabalho. Esta simbiose nos convida a pensar em Morin (2005, pg. 29) ao afirmar que “o próprio progresso do conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação, o que concebe em sua concepção; em suma, que o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e autoreflexiva em seu conhecimento dos objetos”. O que nos leva a pensar que o “cambiteiro” esteja desenvolvendo um processo que, para além da cientificidade, é conhecimento vivo que se constrói e reconstrói através da observação, da percepção viva dos sentidos.

É importante destacar que o pescador “cambiteiro”, como os demais, já nasce no âmbito da pescaria, ele é introduzido ainda criança, quando na companhia do seu pai ou do grupo de pescadores, na pescaria de redes e começa ainda jovem a compreender os segredos das águas. No grupo ele tem seus primeiros ensinamentos, mas depois, começa a se aventurar pelos rios e igapós na procura de peixes. O pescador Pedro Ferreira, líder de um dos grupos de pescadores da comunidade nos revela:

meu pai era pescador, ele amava pescar, era também carpinteiro, com ele eu aprendi um pouco de cada coisa, mas me aprofundei na pescaria, no princípio era em pequenas quantidades que a gente pescava, mas depois, com as redes, podemos pegar mais peixes que dava até pra vender, hoje a nossa pescaria é mais voltada para o comercio, mas também, continuamos pescando pra nossas famílias.
(FERREIRA-ENTREVISTA I, 2018)

Na fala do pescador Ferreira observa-se a relação de afeto, de parentesco que se estabelece a partir do contato familiar, da transmissão de saberes que ocorre no encontro desses atores. Outro aspecto a ressaltar é o fato de que Ferreira indica a transitoriedade dos momentos, de um período de aprendizado, de apreensão da realidade ao pleno domínio do processo que possibilita a ele e aos demais envolvidos, a pesca como forma de subsistência, no entanto, a dimensão afetiva, e que indica o laço, o lastro, o chão da família retorna ao reforçar que eles continuam pescando para as famílias.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

De sorte que o “cambiteiro” entra em sintonia com a natureza quando está em contato com os rios. Ele vagueia nas águas solitariamente, vai sendo conduzido pela correnteza. Com os olhos sempre fixos no horizonte das águas ele aguarda algum movimento, alguma peculiaridade, algum sinal. O pescador Ferreira, em outro momento diz que “a convivência diária no ambiente, no rio, faz com que a gente entenda essas coisas da natureza, e aos poucos a gente vai captando esses sinais que ela nos dá” (Ferreira – Entrevista I, 2018). Ele interpreta a linguagem das águas, decodifica os sinais, percebe as presenças dos peixes e com um olhar apurado e treinado, distingue as espécies pela movimentação das águas, pelo boiar do peixe.

O pescador cambiteiro possui outras práticas de pesca tais como a pesca com malhadeiras ou com caniço o que implica em conhecer ainda mais a região, os peixes, e os instrumentos necessários a seu fazer. Ao observar o igapó ou rio, ele discerne o melhor lugar para armar sua malhadeira, verificando os fatores naturais, tais como a correnteza, as piranhas, o jacaré e o boto que lhe assaltam os peixes e deixam grandes estragos em seu arreo. É importante notar que, as galhadas ou paus caídos sempre são refúgios de peixes, mas, podem engatar a malhadeira e causar estragos também (Souza – Entrevista I, 2018). Assim, toda a pescaria desenvolvida de forma artesanal e empírica, faz do pescador um especialista na sua profissão, conhecedor e desbravador dos rios. Tal habilidade de percepção dos peixes, somada ao conhecimento de suas experiências, lhe transforma de pescador em interprete das águas.

Os sinais que os pescadores percebem da natureza das águas, tem um significado simbólico mais profundo do que apenas a sua dedicação laboral visando a sobrevivência trata-se de uma epifania que os identifica não apenas como pescadores, mas, como tradutores e decifradores da natureza.

Esses símbolos são definidos por Durand (2002, p. 14-15) como:

(...) primeiramente e em si mesmo figura e, como tal, fonte de ideias, entre outras coisas. Pois a característica do símbolo é ser centrípeto, além do caráter centrífugo da figura alegórica em relação à sensação. O símbolo, assim como a alegoria, é a recondução do sensível, do figurado, ao significado; mas, além disso, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indivisível, pelo e no significante.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Nas palavras de Durand o símbolo não é apenas construção etérea, é ao mesmo tempo figura, fonte de ideias, de criatividade, de criação e elemento carregado de sentido. É possível dizer o ato criativo que o símbolo desencadeia é ele mesmo criação do sensível que religa pela aparição numa tentativa de materializar o indizível.

Nesse universo simbólico do imaginário das águas da Amazônia, os pescadores “cambiteiros” da comunidade do Maranhão, foram observados, a partir do conjunto de habilidades demonstradas durante a pesca. Tais habilidades longe de serem apenas uma competência, ou simples capacidade de resolver problemas, envolvem aspectos complexos que conjugam o homem, a realidade das águas, a comunidade e o sensível. Nessa ótica analítica, o “cambiteiro” é, também, um agente de comunicação dentro do grupo de pescadores.

3. O cambiteiro como agente folk

A comunicação é uma das características mais importantes no relacionamento e entendimento das pessoas nos grupos sociais. A comunicação faz parte da estrutura biológica do ser humano, ele faz com que aconteça a interação, o entendimento com meio. Segundo Maturana e Varela (2012 p.2),

(...) todos os organismos funcionam devido a seu acoplamento estrutural, ou seja, devido à sua interação com o meio, que se caracteriza por uma mudança estrutural contínua (que não cessa enquanto houver vida).

Neste sentido a interação consiste em um dos processos pelos quais ocorre a comunicação, gerando o conhecimento, o entendimento. Contudo, esse entendimento carece de uma intermediação ou de um intermediador para que as informações transitem a todos os participantes do grupo social de forma acessível, a comunicação de massas. A mensagem massiva, no paradigma de Paul Lazarsfeld (2012), “percebe a presença dos líderes que intermediam, decodificando a mensagem transmitida pelos meios de comunicação”.

O cambiteiro não é o líder do grupo de pescadores, contudo, ele é o responsável por intermediar as informações primordiais para o êxito da pescaria, a mensagem que ele decodifica não é, necessariamente, dos meios de comunicação



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

comumente conhecidos, mas da própria natureza, das águas profundas. Nas águas, o devaneio do cambiteiro é livre e a liberdade do seu devaneio é o que permite que ele interaja com o meio e com os demais pescadores, adquirindo uma compreensão sobre as informações que a natureza das águas lhes revela.

Mesmo, não sendo o líder do grupo, o cambiteiro é o personagem que vai além, que olha à frente dos demais pescadores, tem ciência da importância de seu posto para o grupo, ele consegue transitar entre dois mundos, o do devaneio e da lucidez ou como conceitua Bachelard (1998, pg 1) da “imaginação formal” à “imaginação material”.

A imaginação formal busca a superfície da matéria, é o que aflora, o que vem à tona, o que está a mostra de todos, o *à priori*. Todos os pescadores possuem uma visão do panorama das águas, mas somente os que fogem dos padrões, somente os que mergulham na matéria, como o cambiteiro, possuem um entendimento apurado do que não se vê, como das profundezas das águas. Já a imaginação material é o cerne, o âmago, é o que constrói, o que constitui a superfície formal, é onde o pescador mergulha no devaneio, onde ele se perde para poder se encontrar no seu verdadeiro habitat, as águas, e de onde ele emerge para a formalidade comum com as informações necessárias para o êxito de seu trabalho.

Através do imaginário, o cambiteiro consegue meios de comunicação com a natureza, intervindo com criações peculiares que lhes justifiquem fenômenos naturais incompreendidos pelo mesmo, as justificações mitológicas. O cambiteiro é aquele que compreende a natureza das águas e a sua linguagem, pois, bebe na fonte do imaginário material, que lhe permite transgredir a superficialidade formal e transitar livremente nos ambientes característicos de seu posto, a superfície e a profundidade das águas.

Sendo esse interlocutor de paralelos, o cambiteiro tem a característica de perceber as mensagens das águas, dos cardumes de peixes, tais como sua movimentação e sua espécie, ele interpreta essas mensagens e transmite para o seu grupo, com gestos ou palavras, as mensagens já decodificadas. Com essas características, o pescador cambiteiro pode ser identificado como um agente de folkcomunicação no âmbito das águas, dentro do seu grupo de atuação, os pescadores redeiros da comunidade do Maranhão.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O cambiteiro faz um intercâmbio de informações precisas e necessárias para o seu grupo. Ele é um dos primeiros fatores do sucesso da pescaria com redes, a sua interpretação dos cardumes e a precisão das informações percebidas pela sua observação vão conduzir a pescaria do grupo e indicar o momento em que ele deve agir. Nesta perspectiva o conjunto de conhecimentos ativado pelo cambiteiro para dar conta deste processo coloca em evidência uma profunda percepção/comunicação com a natureza, em especial com o movimento das águas, sem os quais a tarefa a ser executada não seria bem sucedida.

Enquanto agente folk o cambiteiro é o retrato de como o homem amazônico constrói formas de representação de mundo, alicerçadas no trabalho, na subsistência e na comunicação com outros atores sociais visando a troca, o intercâmbio a permuta, a complementaridade informacional. É importante observar, juntamente com Canclini (1999) que a identidade neste caso, é conferida por meio do uso e da capacidade de criar reciprocidade de viés comunicacional.

A comunicação realizada pelos pescadores faz parte de sua cultura, de sua vida, e revela a importância do entendimento com a natureza, do respeito e da preservação. Das águas os pescadores retiram seu alimento e alimentam sua psique de esperança, de contato, de diálogo, e de comunicação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudis Castro de. **A fenomenologia da percepção** a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. Revista de filosofia. Rio de Janeiro, dez 2012.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: . Acesso: maio de 2012. _____. A chama de uma vela. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. _____. A psicanálise do fogo. (Trad. de Paulo Neves). São Paulo: Martins Fontes, 1994. _____. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. (Tradução de M^a Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001. _____. A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade. (Trad. de Paulo N. da Silva). São Paulo: Martins Fontes, 1990. _____. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. (Trad. de Antonio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 2001.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

CANCLINI, Nestor. Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. (4a ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: editora Cultrix, 1996.

Durand, Gilbert (2002). **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral**. 3.ª ed. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes.

FERREIRA, Pedro. **Entrevista I**. [maio. 2018]. Entrevistador: XXXXX. Parintins, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em posse do entrevistador.

LAPLANTINE, François & Trindade, Liana (1997). **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém:CEJUP, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8º ed. Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, Euclides. **Entrevista I**. [maio. 2018]. Entrevistador: XXXXX. Parintins, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em posse do entrevistador.

SOUZA, Alêniocon Pereira de Pedrosa, Ana Paula da C. Amorin. **O paradigma da Folkcomunicação: estudo de caso à luz da teoria de Beltrão, Trigueiro e Hohlfeldt**. Anuário Unesco / metodista de comunicação Regional, ano 16, nº 16, jan/dez'. 2012.

TORRES, Iraíldes Caldas (org). **O ethos das mulheres da floresta**. / Organização: Iraíldes Caldas Torres. – Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

TORRES, Iraildes Caldas, BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos, NETO, Diogo Gonzaga Torres (org). **Epifanias da Amazônia: relações de poder, trabalho e práticas sociais.** / Organização: Iraildes Caldas Torres, Rooney Augusto Vasconcelos Barros, Diogo Gonzaga Torres Neto. 2ª ed. Manaus: Grafisa, 2017.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.